

EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL CLAUDIO MARTINS-FORTALEZA/CE

(Environmental education experience in the elementary public school Claudio Martins-Fortaleza/CE)

RESUMO

Através da implantação de projetos sobre a temática “meio ambiente nas escolas” foi possível acompanhar e avaliar, enquanto aluno do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), as ações relacionadas com a 3ª Conferência Infanto-Juvenil do Meio Ambiente realizada na escola Pública de Ensino Fundamental Cláudio Martins, no município de Fortaleza/CE. Como objetivo alcançado, foi possível evidenciar o processo de envolvimento dos professores e aluno no trato dos problemas ambientais, identificando a importância do trabalho educacional para a melhoria da qualidade do meio ambiente. Constatou-se que a principal prática foi aquela relacionada com a tentativa de estruturar atividades interdisciplinares, abordando as questões ambientais que derivam da relação da escola com seu entorno urbano e sistemas ambientais. Verificou-se que a Conferência auxiliou no processo de consolidação de atividades cotidianas, entendidas como de educação ambiental, potencializadas de forma coletiva e através de práticas pedagógicas centradas em diagnósticos, propostas de ação e mudanças coletivas de atitude.

Palavras-chave: Educação ambiental; Impactos ambientais; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

From the Project "environment school" was possible to monitor and evaluate how a student's degree course in Geography (Federal University of Ceará-UFC), the 3rd Conference on Environment Children and Adolescents in the School of Public Elementary School Claudio Martins (Fortaleza /CE-Brazil). It was possible to observe the involvement of teachers and students in dealing with environmental problems, identifying the importance of school education in improving the quality of the environment. The main actions were related to interdisciplinary activities about environmental problems near the school. The conference helped to consolidate the daily activities of environmental education to provide collective change in behavior on environmental issues.

Keywords: Environmental education; nvironmental impact, pedagogical practices.

Sebastião Felix Pereira

Licenciado e Bacharel em Geografia –
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Campus do Pici - Bloco 911
CEP 60455-760
Fortaleza (CE) – Brasil
Tel: (+55 85) 3366 9855
sebastian.ufc@bol.com.br

Antônio Jeovah de Andrade Meireles

Professor do Programa de Pós-graduação em
Geografia –
Universidade Federal do Ceará (UFC)
meireles@ufc.br

INTRODUÇÃO

Em função do avanço dos problemas ambientais surge a necessidade cada vez maior da sociedade desenvolver mecanismos práticos e efetivos no que tange a busca da conservação e preservação dos sistemas ambientais. As ações coletivas desenvolvidas nas escolas e com a participação das comunidades do entorno, vem sendo desenvolvidas como práticas pedagógicas – consciência ambiental – e formulação de políticas públicas vinculadas ao ambiente escolar.

Evidenciando o “meio ambiente” da escola, e sua inserção no cotidiano das práticas pedagógicas diversas e relacionadas aos conteúdos específicos, foi possível avaliar a relação dos estudantes e professores com a temática ambiental. O contexto da abordagem foi durante os preparativos e realização da realização da 3ª Conferência Infanto-juvenil do Meio Ambiente na Escola (outubro de 2008).

Desta forma, foi possível definir como objetivo geral analisar o processo de envolvimento dos professores e alunos no trato dos problemas ambientais e, desta forma, identificar a importância do desenvolvimento de eventos sobre o meio ambiente e educação ambiental e como foram representados durante a Conferência. As atividades de pesquisa foram realizadas na escola pública de Ensino Fundamental Claudio Martins, localizada na Avenida João Pessoa, nº 6601, no bairro Parangaba - zona leste do município de Fortaleza. Durante as atividades preparatórias e na Conferência, foi possível realizar atividades com práticas pedagógicas e de avaliação da efetividade dos trabalhos realizados para efetivar a proposta de transversalidade (envolvimento das diversas disciplinas e de conteúdos integrados) das ações.

METODOLOGIA

Os procedimentos para acompanhar e diagnosticar as atividades foram divididos em 4 partes. A primeira correspondeu aos aspectos conceituais desenvolvidos ao longo da elaboração e discussão dos temas eleitos como síntese de abordagem da Conferência: os quatro elementos da natureza água, fogo, terra e ar.

A segunda parte, ainda de fundamentação teórica (realizada durante o segundo semestre escolar), foi constituída de uma abordagem dos pressupostos da educação ambiental no Brasil – essencial para contribuir com a interdisciplinaridade e histórico da Educação Ambiental (EA) - desde os primeiros documentos e encontros técnicos realizados. Etapa para facilitar a inserção dos pesquisadores no universo das relações em processo de construção para as discussões sobre EA na escola. Em seguida foi diagnosticada a formação dos professores em EA, fundamental para avaliar implantação dos projetos relacionados com as práticas que foram apresentadas e discutidas durante a Conferência.

A quarta e última parte metodológica foi conduzida por discussão sobre a temática desenvolvida na escola e apresentação dos resultados obtidos na pesquisa durante a Conferência. Estas fases descritas foram acompanhadas da aplicação dos questionários e registros fotográficos. Com isso foi possível vivenciar as ações desenvolvidas para analisar a transversalidade dos temas propostos. Por fim, através da sistematização do banco de dados realizado durante a pesquisa, foi possível evidenciar a relevância da pesquisa e sua importância para consolidação das práticas de EA.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EA)

Os preceitos conceituais abordados aqui visaram discutir aspectos relativos à evolução dos conceitos de meio ambiente e educação ambiental. Atualmente a

concepção de meio ambiente abarca toda uma complexidade de componentes e processos inter-relacionados que vão desde os elementos de natureza ecológica e geoambiental, ao ético, social, simbólico, político, científico, tecnológico, cultural e saber popular.

O conceito de EA foi forjado no calor das grandes discussões realizadas a partir dos anos 1970. Período quando a sociedade global começou a se conscientizar de que o planeta Terra estava “adoecendo” em função dos processos de degradação ambiental, advindos, principalmente, da mercantilização exacerbada dos recursos ambientais. Processos que produziram rejeitos industriais - mineração contaminando os mananciais hídricos, desmatamento das florestas para produção de lenha, emprego generalizado de agrotóxicos e as emissões crescentes de dióxido de carbono e demais gases produtores do efeito estufa – extremamente danosos para a maioria da população.

Foi com a Conferência de Estocolmo realizada em 1972, na Suécia, que as discussões sobre EA se difundiram mundialmente. Discutiu-se, então, a educação para o meio ambiente, em que se estabeleceu, segundo Lima (1984), uma abordagem interdisciplinar para a nova área de conhecimento, abrangendo todos os níveis de ensino, inclusive o nível não formal. A finalidade desta nova forma de abordar os problemas ambientais teve como finalidade sensibilizar a sociedade para os problemas ambientais.

Gonçalves (1990) chamou atenção para o aspecto da sensibilização na EA quando aponta que o posicionamento correto do indivíduo frente à questão ambiental dependerá da sensibilidade e conseqüente interiorização de conceitos, valores e atitudes, os quais devem ser trabalhados de forma gradativa e contínua. Para essa autora, a escola deverá cumprir a função de EA e extrapolar os muros, permitindo a participação de todos e o envolvimento da comunidade.

A autora refere-se à atividade de EA como um processo lento, porém contínuo, e estabelece alguns elementos básicos, tais como: fomentar valores éticos, atitudes racionais, responsabilidade solidária, competência para agir conscientemente sobre o meio ambiente e analisar criticamente a inter-relação entre fatores políticos, econômicos e sociais.

Guimarães (1995) define a EA como um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida, afirma valores, atitudes e ações que buscam a transformação humana e social e a preservação do meio ambiente. Além de ser participativa, comunitária, criativa e valoriza a ação, transformadora de hábitos e construtora de novos conhecimentos visando o equilíbrio entre a sociedade e natureza como forma de obtenção de uma melhor qualidade de vida para todos os seres vivos.

Segundo Pádua (2001) o desenvolvimento de práticas de EA é bem mais ampla do que meramente informar ou transmitir conhecimentos. Segundo a Carta de Belgrado (1975) a Educação Ambiental deve desenvolver ações individuais e coletivas para a formação de um cidadão crítico, preocupado com os problemas ambientais e que tenha conhecimento, atitudes, motivações, envolvimento e habilidades para resolver problemas atuais e prevenir os futuros.

Este período atual fortemente marcado pelo discurso ambientalista é onde a educação ambiental ganha mais importância e intensifica-se cada vez mais o discurso de proteção ao meio ambiente. Dessa maneira Kloetzel (1993) conceitua meio ambiente como sendo o conjunto formado pelos elementos da natureza e da sociedade. Somos ambientes e do ambiente obtemos a nossa sobrevivência, por isso precisamos preservá-lo e para isso é preciso conhecê-lo.

“Você conhece o seu meio ambiente?” foi a partir desta indagação que Penteadó (1997) abriu a discussão sobre meio ambiente e apresenta dois pontos básicos para

análise: a cultura e a natureza. O primeiro foi definido como tudo aquilo que é feito, cuidado ou transformado pelo o homem. O segundo é tudo que existe e não é feito, nem cuidado, nem transformado pelo o homem.

Para Minini (2000) educação ambiental representa um processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam posições conscientes e participativas. O uso adequado dos recursos naturais para a melhoria da qualidade de vida, a redução da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.

Após este breve relato dos conceitos da educação ambiental, faz se necessário caracterizar a evolução desses conceitos no Brasil, enfocando aspectos institucionais relacionadas às ações discriminadas para implementação de programas de educação ambiental.

APONTAMENTOS PARA INTRODUIR EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ALUNOS E PROFESSORES

Os documentos que fundaram os pilares iniciais da educação ambiental no Brasil remontam aos anos finais da década de 1970. A preocupação com os modelos de desenvolvimento econômico pautados no esbanjamento dos recursos naturais e o estado ambiental de degradação resultante, motivaram a realização do 1º Simpósio Nacional de Ecologia em Curitiba no ano de 1978. Deste seminário surgiu a Carta de Curitiba - denunciando a chamada ideologia desenvolvimentista, que é o consumismo como progresso, com a conseqüente degradação socioambiental, pelos efeitos da monocultura, da megatecnologia concentrada e com a alienação das populações, alheias às tomadas de decisões que afetam seu próprio destino - (DIAS, 1998). Em 1991 ocorreu em Brasília o Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para Educação Ambiental. Deste encontro resultaram algumas propostas que seria o embrião da Educação Ambiental no Brasil. Em abril de 1992, ocorreu o Encontro Técnico de Educação Ambiental da Região Norte, com base nas conclusões e recomendações do encontro de Brasília. No mesmo mês foi realizado o Encontro Técnico de EA na região Nordeste, e em 1992, na região Sudeste. E depois o Encontro técnico ocorrido na região Centro-Oeste do país (DIAS, 2004; SILVEIRA, 2007).

Para Cunha (2005) a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92) teve como pano de fundo o drama ambiental que a Amazônia vivia, com a destruição massiva da sua área florestal, fruto do alargamento das áreas de exploração bovina existente e da venda da madeira exótica para os países ocidentais.

Portanto, a Rio-92 “foi o palco onde as relações entre países, e entre organizações não-governamentais e civis se explicitaram” (PENTEADO, 1997, p. 17) para tentar a elaboração de propostas de ações para a preservação do planeta. O amplo envolvimento das escolas durante as ações preparatórias para esta Conferência, favoreceu práticas integradas e estruturação de ações que favoreceram a importância da Escola na proposição de políticas públicas, tanto para a EA, como outras mais diretamente associadas aos aspectos culturais, econômicos associados aos ecossistemas das cidades e do campo.

Quanto à questão ambiental, a escola representa o local ideal para se promover a educação ambiental que se desenvolve a partir de uma perspectiva integrada com as disciplinas. Estas representam o melhor caminho educativo pelo o qual o conhecimento científico que a sociedade já dispõe é colocado ao alcance dos alunos.

Lombardo (2000) em seu artigo intitulado “Educação ambiental como subsídio à escola do futuro” aponta que,

A escola tem a função de criar condições para que as pessoas possam aprender os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação nas relações políticas e sociais. A escola pública faz parte de um projeto, seja de promoção da população a agentes históricos participativos e criativos da sociedade, seja de promover objetivos de manutenção da ordem instituída, o que é importante e que por isso assume um caráter político. É a realidade do aluno o ponto de partida e de chegada para a construção de novos conceitos da educação ambiental (2000, p. 28).

Penteado (1997, p.18) mostra que promover através da escola a compreensão sócio-política das questões ambientais e a formação da consciência ambiental são as metas as quais ela procura contribuir a partir de alguns elementos, dentre eles:

O desenvolvimento e análise da questão (ambiental) numa perspectiva sociopolítica. Estudar os conceitos cuja clareza se considera fundamental na compreensão de nossa relação com o tema meio ambiente; apresentar uma metodologia de trabalho para o tema, numa situação escolar (1997, p. 18).

Para Flick (2007) o educador, enquanto profissional da educação, no exercício da sua função tem um grande desafio para o Século XXI: a formação da consciência ambiental dos alunos e, no exercício da sua cidadania, através da transformação dos próprios paradigmas e conceitos, de uma escola formadora e transformadora – onde os conceitos se desenvolvam através do trabalho escolar. Para Weid (1977, p. 84) citado por Flick (2007) “é preciso intervir em processos de capacitação que permitam ao professor embasar seu trabalho com conceitos sólidos, para que as ações não fiquem isoladas e distantes dos princípios da Educação Ambiental”.

Segundo Silveira (2007) as atividades consideradas como de EA, geralmente desenvolvidas em nossas escolas se dão de maneira desvinculada da sala de aula, isto é, à margem dos programas das diferentes disciplinas. Dessa forma são comuns as exposições sobre meio ambiente, semana do meio ambiente, semana da água, reciclagem de lixo e de papel e plantio de mudas.

Nessa perspectiva, as dificuldades para se trabalhar a EA na escola surgem em função de uma série de fatores, Silveira (2007) aponta que os programas de EA nas escolas,

(...) não aplicam um enfoque interdisciplinar aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina de modo que o aluno tenha condições de adquirir uma perspectiva global e equilibrada do meio ambiente (...). Reconhecemos que o exercício da EA tem encontrado dificuldades que está associada á falta de recursos, a pouca valorização do professor, ao pouco reconhecimento da comunidade nas decisões e no planejamento escolar, aliado a própria rigidez da estrutura de grande parte das escolas (...) a prática pedagógica (...) lembrada como a visão conteudista (...) a pouca preparação dos professores e os critérios de avaliação comumente adotados. (...) outra dificuldade na educação formal é o planejamento desvinculado da realidade local (Silveira, 2007. p. 33-34).

Guimarães (1995) também aponta algumas dificuldades para a realização de projetos de EA nas escolas, em sua análise:

As escolas não estão estruturadas para uma ação interdisciplinar, havendo dificuldades para a realização de atividades conjuntas entre diferentes professores. Não há horário suficiente para reuniões e existe dificuldade para conciliar horários comuns entre os professores. Existe também uma cultura de isolamento entre as áreas de conhecimento, além da desmotivação do professor para superar estas e outras difíceis situações do seu dia-a-dia. No entanto, considerou-se bastante positivo a escola estar voltada em diversos momentos para uma mesma direção. Em muitos desses momentos foram conseguidos um somatório das abordagens de diferentes disciplinas e áreas de estudo, e algumas vezes, até um tratamento interdisciplinar em determinadas atividades (p. 58-59).

Neste sentido, a autora aponta que a forma como a educação ambiental vem sendo desenvolvida nas escolas limita-se apenas a meras discussões específicas acerca de algumas temáticas sobre o meio ambiente. Além disso, é destacado pela autora a desvinculação dos conteúdos curriculares da escola com os tratados sobre o meio ambiente.

Stabolito e Lins (2006) relatam outra experiência vivida em educação ambiental onde a efetivação dos projetos foi dificultada em função de vários obstáculos surgidos ao longo do tempo de execução. Para os autores a aplicação de projetos de educação ambiental nas escolas públicas ainda é uma barreira a ser superada, pois:

A falta de verbas, incentivo e orientação são problemas que reduzem muito as chances de implantação de um projeto educacional ambiental efetivo e eficiente. A falta de atuação dos programas, projetos e ações promovidos pelo MEC (ministério da educação e cultura) quanto ao ensino ambiental também constituem um obstáculo à implantação da educação ambiental nas escolas da rede pública. Um exemplo é a falta de cursos de especialização e reciclagem para professores, que mantém os educadores limitados a abordagens ultrapassadas de ensino. Alguns colégios chegam a apresentar interesse em desenvolver projetos alternativos para o ensino ambiental, mas muitos acabam esbarrando na falta de originalidade e dinamismo da educação brasileira (STABOLITO E LINS, 2006, p. 1).

Em consonância com os outros autores já citados, Stabolito e Lins (*op cit.*) apontam os mesmos problemas relacionados à implantação de projetos de educação ambiental nas escolas. Pois embora muitas instituições de ensino básico tenham boa intenção em receber os projetos de pesquisa, a comunidade escolar ainda não está preparada para o desenvolvimento deste tipo de ensino integrado.

O trabalho com a educação ambiental nas escolas exige uma abordagem interdisciplinar, ou seja, a integração entre o grupo de professores e o desempenho de toda a comunidade escolar. Entretanto, de acordo com Lombardo (2000, p. 60) alguns obstáculos surgem no decorrer do trabalho, pois, “as dificuldades aparecem no decorrer do processo de engajamento dos professores com suas atividades e horários de aulas, demonstrando a falta de experiência em projetos desta magnitude”.

O estudo do meio ambiente como um tema transversal esbarra em uma orientação importante, pois procura dar um enfoque ambiental a todas as disciplinas do ensino fundamental. Entretanto, de acordo com Mayer (2001) a realização do estudo:

(...) esbarra em uma estrutura escolar fragmentada. Os conteúdos programáticos e a grade curricular dificultam a inserção do assunto e o trabalho coletivo dos professores. Somado a essas condições, o professor sente-se despreparado, pois a sua formação básica não contemplou o estudo do meio. Ele quer fazer, mas não sabe como. Apesar do conhecimento dessa deficiência, os investimentos na área de educação, como cursos e seminários, geralmente não incluem visitas e trabalhos de campo como atividades prioritárias e fundamentais. Os cursos continuam sendo eminentemente informativos, pouco contribuindo para a formação e a preparação do educador (p. 92).

Durante a realização desse trabalho muitas dificuldades foram surgindo desde a procura por uma escola que aceitasse a proposta de realização do projeto de pesquisa até a sua efetivação. Os trabalhos que versam sobre educação ambiental são complicados de serem implantados nas escolas, pois é um trabalho que necessita ser realizado numa perspectiva interdisciplinar e as escolas, grosso modo, não dispõem de pessoal, material, tempo e recursos suficientes para que sejam implantados projetos dessa natureza (PEREIRA, 2009).

Nas considerações finais do trabalho denominado “Panorama da educação ambiental no ensino fundamental” (COEA, 2001) realizado em 2001, os grupos de

trabalho refletiram principalmente sobre o lugar que os projetos ocupam nas escolas, como articulá-los com o cotidiano da instituição e quais os requisitos mínimos para elaborá-los. A partir das discussões foi possível esboçar um quadro preliminar de como ocorrem os projetos nas escolas:

Os projetos são mal-estruturados. Apesar da dificuldade dos professores na elaboração dos projetos, eles têm interesse em trabalhar Educação Ambiental. A carga horária do professor não possibilita o desenvolvimento de projetos. Os professores não dispõem de conhecimento sobre a temática ambiental e não se apropriam de conceitos e princípios de Educação Ambiental. Os projetos ocorrem de forma descontínua e fragmentada. Falta apoio/espaço da escola aos professores que queiram trabalhar nessa perspectiva. Falta material adequado/específico (COEA, 2001, p.).

Desta forma, atividades relacionadas com a integração de conteúdos ambientais, aprimoramento de práticas pedagógicas numa perspectiva interdisciplinar, certamente enfrentarão dificuldades ao serem efetivados. Dados constatados na escola de ensino fundamental Cláudio Martins e nas análises efetuadas pelos especialistas em educação ambiental, como demonstrado mais adiante.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A Escola de Ensino Fundamental Claudio Martins está localizada na Avenida João Pessoa, nº 6601 (figura 1), no bairro Parangaba - zona urbana do município de Fortaleza-ce. Ela foi criada através do Decreto nº 9952, publicado no Diário Oficial do Município (DOM) em 07 de outubro de 1996. Durante a pesquisa a escola funcionava nos três turnos, com um total de 871 estudantes distribuídos da educação infantil à 9ª série.

Figura 1 - Localização da Escola de Ensino Fundamental Cláudio Martins, Bairro de Parangaba/Fortaleza/CE (Fonte: Google Earth).



A Escola Claudio Martins vem desenvolvendo esta prática, a de realizar as Conferências do Meio Ambiente, por três vezes consecutivas, acompanhando as conferências nacionais que ocorreram nos anos de 2003, 2005, 2008. As atividades preparatórias que antecedem a apresentação dos resultados teóricos e práticos das diversas ações de educação ambiental dinamizaram e orientam os conteúdos com diversidade de abordagens. No dia 25 de setembro de 2008 ocorreu a abertura oficial da 3ª Conferência sobre o Meio Ambiente na referida escola. Os temas foram diretamente vinculados ao “meio ambiente” e o foco central das discussões foi relacionado com os quatro elementos da natureza: água, fogo, terra e ar.

Foi possível elaborar material didático – cartazes, maquetes, objetos representativos da natureza – com efetiva participação dos alunos. Ressalta-se maquetes com a espacialização de elementos da natureza representando dois cenários – planejamento, conservação e preservação dos sistemas ambientais e outro de catástrofes ambientais provocadas pelo homem (queimadas, erosão do solo, poluição do ar e dos rios) – o que demonstrou inserção efetiva em processos geoambientais e sociais e a necessidade de representar prognósticos, inclusive com proposições concretas de mudanças de atitude.

No terceiro dia da Conferência ocorreu a culminação das ações de EA. Foi quando os trabalhos das diversas equipes orientadas por professores de todas as disciplinas foram apresentados para o conjunto de alunos e professores. Durante a apresentação os alunos demonstraram ter assimilado a necessidade de preservar o meio ambiente e, mais ainda, com efetiva participação da Escola, conduzindo as reflexões sobre a conservação dos ecossistemas urbanos (principalmente a lagoa da Parangaba) e congregando os alunos para atividades práticas neste sentido.

Com a Conferência foi possível abordar discussões de práticas pedagógicas relacionadas com a EA numa dimensão interdisciplinar. Constatou-se um esforço coletivo para avançar rumo a uma escola que parte de práticas meramente informativas para uma escola formativa (PENTEADO, 1995).

Com os questionários aplicados foi possível avaliar as atividades realizadas em sala de aula acerca dos temas relacionados com a preservação do meio ambiente. Dessa forma, buscou-se verificar como os alunos observaram e analisaram o meio ambiente no entorno da escola e de suas moradias.

A primeira questão analisada, como resultado dos questionários, buscou saber o que os alunos entendem por educação ambiental. Foram evidenciadas definições como “é a educação que ensina a preservar o meio ambiente”. Para outros “é aprender a cuidar da natureza”. Foi também registrado que “educação é uma prática muito importante e que devemos preservar o nosso meio ambiente porque sem ele nos não vivemos bem”.

Indagados sobre o que significaria meio ambiente, várias respostas foram enfáticas ao definirem “é o meio onde existem vários tipos de vidas”. Para outro aluno meio ambiente é “onde se vive”. Influenciada pelas discussões teóricas em sala de aula, meio ambiente é a “junção entre água, ar, terra, fogo”.

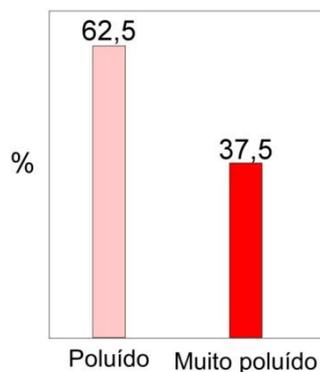
Outra questão procurou identificar junto aos alunos o que aprenderam sobre as ações relacionadas às práticas de EA durante as ações preparativas para a Conferência. A maioria das respostas enfocou o termo “preservação do meio ambiente”. Ao fazer referência aos quatro elementos, os alunos responderam “que devemos cuidar mais da natureza sem prejudicá-la, não causando nada que a destrua”; “aprendi que eles são importantes para todos nós (...) seres humanos”, “nós precisamos dos quatro elementos para sobreviver”, além disso, “aprendi que é bom nos prevenir para que o futuro seja bom”. Dessa forma, a preservação de cada um dos elementos foi definida como necessária para “ajudar” a preservar o nosso planeta.

A pergunta sobre o que os alunos aprenderam na escola sobre a preservação do meio ambiente, resultou em respostas do tipo: “a preservação pra nos é muito útil, que ela deve estar presente sempre entre nós, todos os dias”, alguns alunos apontaram a necessidade de selecionar o lixo para reciclagem e não jogar no meio das ruas, outro aluno manifestou a importância das práticas afirmando que aprendeu “a não desperdiçar água”.

Foi possível verificar que os alunos compreenderam bem os conteúdos vinculados às práticas individuais e coletivas sobre a necessidade de conservar e preservar a natureza. A escola foi definida como espaço de vivência para ampliar ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida e dos ecossistemas

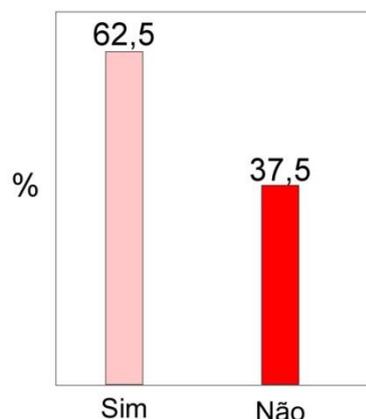
Algumas questões quantitativas foram evidenciadas para aprimorar o diagnóstico ambiental durante as atividades em sala de aula. O gráfico 1 apresenta a percepção dos alunos acerca do meio ambiente na sua comunidade. Constatou-se que 62,5% responderam estar poluído, e 37,5% disseram encontrar-se muito poluído.

Gráfico 1 – Avaliação geral dos aspectos ambientais da comunidade a partir da percepção dos alunos.
Como está o meio ambiente de sua comunidade?



Foi indagado sobre o destino dos esgotos de suas residências (Gráfico 2). Logo, 62,5% responderam que está relacionado com os rios e lagoas, em especial a lagoa da Parangaba. Do total 37,5% disseram não saber para onde vai o esgoto de suas casas.

Gráfico 2 – Avaliação de aspectos ambientais relacionados com o saneamento básico
Você sabe para onde vai o esgoto de sua casa?

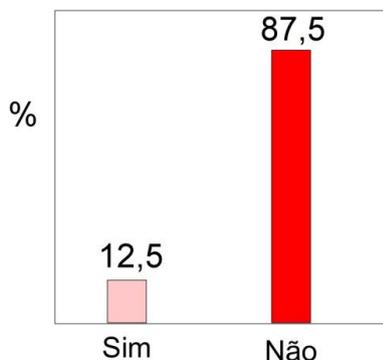


A difusão das políticas de cuidado com o meio ambiente passa não só pelo ambiente da escola, mas também pelas instituições comunitárias que defendem a melhor qualidade de vida das populações. Por conta disso, foi indagado aos alunos se nas suas comunidades existiam algum tipo de programa de EA (Gráfico 3). Constatou-

se que 87,5% responderam que não havia, enquanto 12,5% disseram que a escola onde eles estudam é responsável por estas práticas.

Gráfico 3- Avaliação de aspectos ligados a presença de políticas de educação ambiental nas comunidades.

Há atividades de Educação Ambiental em sua comunidade?



Pelo o fato da pesquisa ter sido realizada em um ambiente escolar, a instituição de ensino foi destaque na opinião dos discentes como a “maior influenciadora na formação de suas opiniões sobre meio ambiente” com 62,5% das respostas. Enquanto a mídia alcançou com 25% e a família ficou com apenas 12,5% das respostas. Resultados que evidenciaram também a importância da mídia e da família como condutores de informações e práticas ambientais adequadas com o meio ambiente.

Gráfico 4 - Avaliação das instituições formadoras de opinião vinculada à EA. Instituições formadoras de opinião



Através da análise dos questionários foi possível averiguar que os alunos guardam vínculos com aspectos ambientais entre a escola e suas moradias. Os resultados foram expressivos e possivelmente demonstram a evolução do grau de aprendizagem no que concernem as questões ambientais. Os resultados da pesquisa demonstraram limitações quando a um universo mais amplo, por exemplo, o da escola e o bairro ou mesmo a cidade, mas apresentaram indícios das ações voltadas para a educação ambiental potencializarem mudanças de comportamento perante os problemas discutidos durante a Conferência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível desenvolver os objetivos de modo a identificar as relações entre os temas associados às práticas de educação ambiental e a estrutura demandada para sua efetivação. Os resultados alcançados com a 3ª Conferência Infanto-Juvenil do Meio Ambiente, como evidenciado nas entrevistas e aplicação dos questionários, deverão ser ampliados, inclusive com a participação mais efetiva dos professores e da comunidade vinculada à escola. Uma excelente experiência vivenciada pelo autor, a de acompanhar a dinâmica de integração entre conteúdos e as diversas disciplinas, para formular sínteses que configuraram em práticas de educação ambiental.

Evidenciou-se que as práticas de educação ambiental poderão aprimorar conteúdos específicos, integrados a eventos potencializadores de reflexões orientadas pelo conjunto de professores e alunos, através de processos coletivos de organização e apreensão da realidade. Assim, certamente, serão aprimoradas concepções político-pedagógicas integradas aos sistemas ambientais, às escolas e à qualidade de vida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Berenice Gehlen. **Texto comemorativo: o que é educação ambiental?** Disponível em: <<http://www.apoema.com.br/definicoes.htm>>. Acesso em 28 de setembro de 2008. Artigo publicado em 2005.

ANTONELLO, I. T.; MOURA, J. D. P.; TSUKAMOTO, R. Y. (orgs). **Múltiplas CLÁUDIO MARTINS. Projeto Político Pedagógico, 2004.**

COEA, Coordenação-Geral de Educação Ambiental. **panorama da educação ambiental no ensino fundamental.** Oficina de trabalho realizada em março de 2000. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/panorama_educacao.pdf. Acessado em 13 de novembro de 2008.

CUNHA, A. V. **Educação Ambiental.** Disponível em: <www.ideiasambientais.com.pt/educacao_ambiental.html - 13k>. Acesso em: 28 de outubro de 2008. Artigo publicado em 16/09/05

DIAS, G. Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 5ª edição, São Paulo: Global, 1998.

FLICK, Maria Esther Pereira. **Educação Ambiental e formação de professores.** Disponível em: <<http://www.cenedcursos.com.br/educacao-ambiental-e-formacao-de-professores.html>>. Acesso em: 26 de outubro de 2008. Artigo publicado em 2007.

Geografias: **ensino – pesquisa – reflexão.** Londrina: edições humanidades, 2005.

GONÇALVES, Dalva R. P. **“Educação ambiental e o ensino básico”**, Anais do IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente, Florianópolis, 1990,

GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental na Educação.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

KLOETZEL, Kurt. **O que é Meio Ambiente.** São Paulo. Brasiliense, 1993.

LIMA, Maria A. J. **Ecologia humana,** Petrópolis, Vozes, 1984.

LOMBARDO, M. A. Educação ambiental como subsidio à escola do futuro. In: FREITAS, M. I. C.; LOMBARDO, M. A. (orgs.). **Universidade e comunidade na gestão do meio ambiente.** Rio Claro: AGETEO, Programa de Pós-Graduação em Geografia –UNESP – Rio Claro, Projeto UCENPARCERIAS – UNESP/ Universidade de Auburn (EUA), 2000. p. 170.

MEYER, Mônica. Reflexões sobre o panorama da Educação Ambiental no ensino formal. In: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC; SEF, 2001. 149 p.

p.125-146.

PENTEADO, H. Dupas. **Meio ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1997.

PEREIRA, Sebastião Felix. **Reflexões sobre a prática docente no estágio supervisionado em Geografia**. Revista P@rtes. São Paulo. Eletrônica, julho de 2009.

Disponível em: <www.partes.com.br/educacao/alternativa.asp>. Acesso em 10 de setembro de 2011.

PERINOTTO, J. A. J.; ZAINÉ, M. F. Educação Ambiental - Estratégias e Ações para construção da cidadania. In: FREITAS, M. I. C.; LOMBARDO, M. A. (orgs.). **Universidade e comunidade na gestão do meio ambiente**. Rio Claro: AGETEO, Programa de Pós-Graduação em Geografia –UNESP – Rio Claro, Projeto UCENPARCERIAS – UNESP/ Universidade de Auburn (EUA), 2000. p. 170.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVEIRA, A. G. M. **EA: a visão dos alunos e professores do ensino médio**. Monografia (graduação) UFC, Fortaleza, 2007, 71 p.

STABOLITO, R.; LINS, J. **Conscientizando a juventude**. Disponível em: <http://ead.fja.edu.br/eco/index.php?option=com_content&task=view&id=699&Itemid=63>.

Acesso em 15 de novembro de 2009.

Enviado em 05/2012

Aceito em 07/2012